

S
UFRJ/IE
TD 441

NS 406844

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE ECONOMIA

Desconcentração industrial no Brasil nos anos 90 –
um enfoque regional*

n.º 441

João Saboia^{***}

Fevereiro de 2000

Textos para Discussão

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE ECONOMIA

Desconcentração industrial no Brasil nos anos 90 -
um enfoque regional*

nº 441

João Saboia**



43 - 016800

Fevereiro de 2000

* Este trabalho foi realizado com o apoio do CNPq e da FINEP. O autor agradece a Rafael Nunan Nascimento Silva e Daniel Halac pelo processamento dos dados da RAIS.

** João Saboia é professor titular do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Diretor Geral: Prof. João Carlos Ferraz
Diretor Adj. de Graduação: Prof. Maria Lúcia T. Werneck Vianna
Diretor Adj. de Pós-graduação: Prof. Francisco Eduardo P. de Souza
Diretor Adj. de Pesquisa: Prof. João Lizardo R. Hermes de Araújo
Diretor Adj. Administrativo: Prof. João Carlos Ferraz
Coordenador de Publicações: Prof. Carlos Frederico L. Rocha
Coordenação Administrativa: Elizabeth Queiroz
Projeto Gráfico,
Editoração e Revisão: Flávio Sabbagh Armony
Impressão: IE - UFRJ

UFRJ/CCJE/BIBLIOTECA EUGÊNIO GUDIN
DATA: 22/1/2000
REGISTRO N.º 504917-2
S UFRJ/IE
TD 441

Ficha catalográfica

SABOIA, João Luiz Maurity adm 412834

Desconcentração industrial no Brasil nos anos 90: um enfoque regional / João Saboia. - Rio de Janeiro: UFRJ - Instituto de Economia, 2000.

29 p. ; 21 cm. - (Texto para Discussão. IE/UFRJ; nº 441)

- 1. Indústria - Desenvolvimento regional - Brasil.
- ✓ 2. Indústria de transformação - Desenvolvimento regional.
- ✓ 3. Indústria extrativa mineral - Desenvolvimento regional.
- I. Título. II. Série.

O Programa Editorial do IE/UFRJ (sucessor dos Programas Editoriais do IEL e da FEA/UFRJ), através das séries "TEXTOS PARA DISCUSSÃO", "TEXTOS DIDÁTICOS" e "DOCUMENTOS", publica artigos, ensaios, material de apoio aos cursos de graduação e pós-graduação e resultados de pesquisas produzidos por seu corpo docente.

Essas publicações, assim como mais informações, encontram-se disponíveis na livraria do Instituto de Economia, Av. Pasteur, 250 sala 4 (1º andar) - Praia Vermelha - CEP: 22290-240 / Caixa Postal 56028 - Telefone: 295-1447, ramal 224; Fax: 541-8148, a/c Sra. Elizabeth Queiroz.

SUMÁRIO

1. Introdução	5
2. Diferenciação no comportamento regional	7
3. Movimento de interiorização nos estados	9
4. Principais aglomerações industriais no país	10
5. Conclusão	13
Notas	14
Referências Bibliográficas	16

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos o país passou a enfrentar dificuldades crescentes na geração de empregos em nível suficiente para absorver o aumento da população economicamente ativa. Conseqüentemente, houve crescimento das taxas de desemprego nas mais distintas regiões. A crise do emprego abateu-se com mais intensidade sobre o setor industrial, repercutindo com força nos principais centros industriais, especialmente na região metropolitana de São Paulo.

As causas para as dificuldades enfrentadas pela indústria passam por várias dimensões. Em primeiro lugar, com exceção do período entre 1993 e 1995, o crescimento econômico dos anos noventa tem sido modesto. Em segundo lugar, a abertura da economia aumentou o nível de competição enfrentado pela indústria. Em terceiro lugar, associado à própria abertura, a indústria passou por importante processo de modernização, especialmente em termos organizacionais, com elevação do nível da produtividade do trabalho.

Ao mesmo tempo em que a indústria se modernizava ao longo das últimas décadas, houve um intenso processo de mudanças locacionais, tanto intra quanto inter regiões. Tal movimento está detalhado em Diniz e Crocco (1996)¹. A partir da análise do período entre 1970 e 1991, os autores apresentam o “novo mapa da indústria brasileira”, com o esvaziamento do principal pólo industrial do país – a região metropolitana de São Paulo – e a reconcentração industrial no interior de São Paulo e, de modo mais amplo, na região que se estende do centro de Minas Gerais ao nordeste do Rio Grande do Sul, especialmente em cidades de porte médio. Ainda segundo os autores, apesar da expansão da fronteira agrícola e do sistema de incentivos fiscais, as áreas restantes dispersas pelo país “não demonstram força para uma alteração macro-espacial da localização industrial no Brasil”.

Tendo em vista as mudanças ocorridas na economia ao longo da década de 90, houve importantes transformações espaciais na localização da indústria nos últimos anos. Embora em linhas gerais as conclusões dos autores acima permaneçam válidas, tem havido um recente movi-

mento da indústria em direção a alguns estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Por outro lado, a desconcentração industrial no interior dos estados é generalizada por todo o país, não sendo uma característica apenas das regiões Sul e Sudeste. Apesar da queda do emprego nos principais pólos industriais, novas aglomerações se consolidaram nas mais diversas regiões do país².

A fonte básica de dados utilizada neste texto é a RAIS (Relação Anual de Informações Sociais). Portanto, a variável de referência é o nível de emprego. Alternativamente, serão considerados o número de estabelecimentos existentes e seu tamanho médio, a partir do número de empregados por estabelecimento. O estudo é desenvolvido sob o enfoque regional, considerando-se grandes regiões, estados e microrregiões³. Tomou-se como ponto de partida o ano de 1989, que antecede as grandes mudanças da década de 90, comparando-se com a situação encontrada em 1997⁴.

A análise feita a partir de dados de emprego e do número de estabelecimentos possui a desvantagem de não considerar variáveis importantes relativas ao nível de produto. Entretanto, esta é a condição para que se desenvolva um estudo desagregado segundo as microrregiões. Por outro lado, se o nível de produtividade do trabalho variar muito entre as regiões, a análise da concentração industrial a partir do emprego pode estar refletindo tais diferenciais, distorcendo os resultados. Felizmente, a evidência empírica aponta no sentido de uma menor heterogeneidade dos diferenciais regionais de produtividade na indústria⁵.

Na próxima seção, será feita a comparação regional da evolução do emprego e dos estabelecimentos, a partir dos dados dos estados, indicando um movimento de desconcentração industrial. Em seguida, será analisada a tendência à interiorização da indústria em cada estado. Finalmente, serão consideradas as principais aglomerações industriais, permitindo a observação de comportamentos bastante diferenciados segundo sua localização e porte.

2. DIFERENCIAÇÃO NO COMPORTAMENTO REGIONAL

Os desníveis regionais podem ser comprovados com os dados de 1997. Naquele ano, a região Sudeste concentrava 2,8 dos 4,8 milhões de empregos levantados pela RAIS. O estado de São Paulo sozinho respondia por 1,9 milhão de empregos, ou seja 40% do total. O segundo principal centro é a região Sul com 1,2 milhão de empregos. Seguem-se a região Nordeste com 555 mil, o Centro-Oeste com 173 mil e o Norte com 138 mil.

A primeira constatação que pode ser feita a partir da tabela 1, ao compararem-se os dados de 1989 e 1997, é o comportamento bastante diferenciado na evolução do emprego industrial segundo a região considerada. Enquanto a queda no emprego global foi de 23,4%, os dados regionais indicam queda em quatro regiões e crescimento na região Centro-Oeste (46,7%). A maior queda foi verificada na principal região industrial do país - o Sudeste -, onde a redução atingiu 30,7%. Nas demais regiões a queda foi menos intensa, variando entre 10% na região Sul e 19% na região Norte.

Alguns dados dos estados merecem menção. Em primeiro lugar, a maior queda foi verificada no Rio de Janeiro, chegando a 43,1% no período. A segunda maior queda foi verificada no principal estado industrial do Nordeste, Pernambuco, chegando a 37,9%. Taxa semelhante foi encontrada no estado do Amazonas. Em São Paulo, um de cada três empregos existentes em 1989 havia desaparecido em 1997.

Um resultado notável a ser destacado foi o crescimento do emprego em todas as unidades da região Centro-Oeste. As taxas de crescimento variaram entre 22,1% no Distrito Federal e 84,3% no Mato Grosso. Um único estado do conjunto das regiões Sul e Sudeste apresentou crescimento do emprego - o Paraná (9,3%). No interior da região Nordeste, apenas os estados do Ceará e Piauí apresentaram aumento do emprego. Os dois principais estados industriais da região Norte - Amazonas e Pará - tiveram queda do emprego.

Apesar da queda do emprego industrial, houve forte crescimento do número de estabelecimentos industriais em quase todo o país. Tal

dado é bastante positivo, evitando que se conclua apressadamente, a partir dos dados de emprego, que esteja ocorrendo um inequívoco processo de desindustrialização. Na realidade, inúmeras pesquisas têm apontado para o crescimento da produtividade na indústria brasileira, justificando em parte a redução do emprego industrial⁶.

Entre 1989 e 1997, houve aumento de 24,4% no número de estabelecimentos informantes à RAIS (tabela 2). Todas as regiões experimentaram crescimento no número de estabelecimentos, variando entre 12,6% no Sudeste e 61,7% no Nordeste. Apenas um estado apresentou queda - o Rio de Janeiro. Embora parte do crescimento possa se dever a uma melhoria da cobertura da RAIS na década de noventa, os dados encontrados nos centros mais desenvolvidos do país não deixam margem a dúvidas sobre o efetivo crescimento do número de estabelecimentos industriais ocorrido no país, representando um resultado favorável e apontando para um forte dinamismo da indústria brasileira no período.

A comparação entre os dados de emprego e de estabelecimentos permite que se calcule o tamanho médio dos estabelecimentos pelo número de empregados por estabelecimento. Confirma-se o *downsizing* já verificado em outros trabalhos⁷. Aqui, entretanto, pode se notar que a redução do porte dos estabelecimentos industriais é generalizada por todo o país. Enquanto na média nacional a redução foi de 38,4%, nas regiões Norte e Nordeste o número de empregados por estabelecimentos caiu à metade em apenas oito anos (tabela 3). A redução foi também intensa nas regiões Sul e Sudeste. Apenas no Centro-Oeste o processo foi pouco expressivo, por conta do comportamento peculiar do Mato Grosso, único estado onde houve crescimento do tamanho médio.

Esta primeira análise dos dados da RAIS sugere a existência de um processo de desconcentração regional da indústria, que estaria se deslocando dos principais estados industrializados para as demais regiões. Tal afirmação decorre naturalmente das maiores quedas do emprego industrial em estados como São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, e aumento em todos os estados da região Centro-Oeste e outros do interior do país. Por outro lado, o maior crescimento no número de

estabelecimentos industriais ocorre nos estados das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

Uma forma sintética de se verificar o processo de desconcentração regional da indústria é através do índice de Herfindahl⁸. Ele foi calculado para os anos de 1989 e 1997; utilizando-se as variáveis emprego e estabelecimentos. No caso do emprego, caiu de 0,242 para 0,195. No caso dos estabelecimentos, de 0,183 para 0,159. Observa-se, portanto, que a indústria é mais concentrada em termos de emprego que de estabelecimentos, mas nos dois casos houve desconcentração regional no período⁹.

3. MOVIMENTO DE INTERIORIZAÇÃO NOS ESTADOS

Além da desconcentração regional, um outro importante movimento tem ocorrido no interior dos estados - o deslocamento da indústria das capitais para o interior dos estados. Este comportamento pode ser comprovado a partir dos dados das tabelas 4 e 5¹⁰.

Enquanto, em 1989, 52,8% do emprego industrial se concentrava nas capitais, em 1997, havia baixado para 45,7%. Tal movimento repetese pelas diferentes regiões do país. Na região Sudeste, por exemplo, o movimento é bastante pronunciado, caindo de 59,3% para 51,9%.

Em quase todos os estados houve queda do emprego nas capitais. Em São Paulo, por exemplo, há redução de 61,3% para 54,5%. Entre os seis principais estados industriais¹¹, apenas em Minas Gerais e Santa Catarina não houve perda da participação das capitais. No primeiro caso, a região metropolitana de Belo Horizonte praticamente manteve sua participação, enquanto Florianópolis possui uma participação mínima no emprego de Santa Catarina.

Analogamente, houve perda de participação das capitais no número de estabelecimentos industriais, baixando de 47,3% para 41,5% no período. Mais uma vez, a região Sudeste destaca-se pela alta perda de participação das capitais, que caem de 54,1% para 46,8% dos estabelecimentos.

Nos seis principais estados industriais, houve perda de participação das capitais nos estabelecimentos da indústria¹². A região metropolitana de São Paulo absorvia 58,0% dos estabelecimentos do estado em 1989 e 52,3% em 1997. Na região metropolitana do Rio de Janeiro, a queda foi de 75,9% para 69,5%. Foram poucos os estados onde cresceu a participação das capitais em termos de estabelecimentos industriais.

Em geral, os estabelecimentos das capitais são maiores que os do interior. O movimento de *downsizing*, entretanto foi intenso nos dois casos. Nas capitais, baixou de 38 empregados por estabelecimento para 23. No interior, de 30 para 19. Portanto, a redução relativa do tamanho dos estabelecimentos foi igualmente acentuada nas capitais e no interior (tabela 6).

O interior dos estados pode ainda ser desagregado em microrregiões, enriquecendo a análise regional¹³. A tabela 7 fornece o número de microrregiões responsáveis por 90% do emprego industrial em cada estado. A tendência de interiorização fica mais uma vez comprovada. Enquanto 200 microrregiões respondiam, em 1989, por 90% do emprego dos estados, em 1997, o mesmo percentual era coberto por 230 microrregiões. Em todas as regiões, houve aumento do número de microrregiões necessárias para se cobrir 90% do emprego¹⁴. Em 17 dos 27 estados, houve crescimento do número de microrregiões que respondem por 90% do emprego industrial. Nos demais, tal número permaneceu constante.

Em resumo, os dados desta seção mostram claramente uma tendência à desconcentração industrial em direção ao interior dos estados nas mais distintas regiões do país.

4. PRINCIPAIS AGLOMERAÇÕES INDUSTRIAIS DO PAÍS

Na análise das principais aglomerações industriais¹⁵ do país foram considerados quatro grupos:

- a) *Macro aglomerações* - 100 mil ou mais empregos;

- b) *Grandes aglomerações* - 50 mil ou mais empregos;
 c) *Médias aglomerações* - 10 mil ou mais empregos;
 d) *Pequenas aglomerações* - 5 mil ou mais empregos.

As tabelas 8 e 9 informam o número de aglomerações industriais por estado em 1989 e 1997. Tendo em vista a magnitude da queda do emprego já discutida, não causa surpresa verificar a redução no número de macro, grandes e médias aglomerações industriais no período. No primeiro caso, de 9 para 6, no segundo, de 11 para 10 e, no terceiro, de 78 para 75. A maior surpresa é o grande crescimento no número de pequenas aglomerações, que cresceu de 46 para 64 no período analisado¹⁶.

O aumento no número de pequenas aglomerações industriais é generalizado por todas as regiões, não representando um comportamento típico de regiões mais ou menos desenvolvidas. Foram levantadas, em 1997, 25 pequenas aglomerações na região Sudeste, 21 no Sul, 13 no Nordeste, 3 no Centro-Oeste e 2 no Norte. Os números de 1989 eram, respectivamente, 21, 14, nove, dois e zero. Portanto, as três regiões menos desenvolvidas - Norte, Nordeste e Centro-Oeste - saltaram de 11 para 18 pequenas aglomerações, com crescimento de 64% no número de pequenas aglomerações industriais.

As 155 aglomerações industriais levantadas em 1997 estão listadas na tabela 10 em ordem decrescente de emprego. Todas as macro e grandes aglomerações perderam empregos entre 1989 e 1997¹⁷.

Na medida em que são examinadas as aglomerações menores, surgem os primeiros casos de crescimento do emprego. A maior aglomeração industrial com crescimento do emprego é Goiânia, com 41.606 empregos em 1997 e crescimento de 53,5%. Este dado é ilustrativo do crescimento do emprego na região Centro-Oeste já assinalado. Entre as médias aglomerações, houve crescimento do emprego em 30 e queda em 45. A maior incidência de crescimento do emprego, entretanto, ocorre entre as pequenas aglomerações industriais - 33 casos num total de 64.

No conjunto de 155 aglomerações industriais consideradas, houve crescimento do emprego em 63. Todas as regiões estão contempladas. Em apenas oito dos 27 estados, não foram encontradas aglomerações industriais apresentando crescimento entre as 155 listadas¹⁸.

A tabela 11 mostra a distribuição das 155 aglomerações industriais segundo a taxa de variação do emprego. Houve alguns casos de taxas de crescimento superiores a 100% entre 1989 e 1997. Entre as médias aglomerações, destaca-se Chapecó, em Santa Catarina, com crescimento de 109,5%. Entre as pequenas aglomerações, seis microrregiões apresentaram crescimento superior a 100% - duas no Paraná, duas no Ceará, uma no Rio Grande do Sul e uma no Mato Grosso¹⁹.

Com crescimento entre 50% e 100%, foram encontradas três aglomerações médias - Goiânia, já mencionada, Apucarana (Paraná) e Montes Claros (Minas Gerais) - e cinco pequenas - nos estados Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Pará e Rondônia²⁰. Com crescimento entre 25% e 50%, um total de 16 aglomerações industriais e com crescimento abaixo de 25%, outras 32 aglomerações. Confirma-se, portanto, que o dinamismo das pequenas e médias aglomerações industriais pode ser encontrado nas mais diversas regiões do país, incluindo as menos desenvolvidas.

As 92 aglomerações restantes apresentaram queda do emprego, chegando a atingir 52,8% em Campos dos Goytacazes e 50,9% em Macaé, ambas no Rio de Janeiro²¹.

Portanto, a análise das principais aglomerações industriais do país sugere o surgimento de um grande número de pequenas aglomerações (entre 5 e 10 mil empregos) em detrimento de maiores aglomerações. Por outro lado, mostra ainda que, apesar da queda do emprego industrial no país, houve crescimento num grande número de pequenas (entre 5 e 10 mil empregados) e médias aglomerações (entre 10 e 50 mil empregos) em quase todos os estados do país.

5. CONCLUSÃO

Os resultados empíricos encontrados neste estudo são bastante ilustrativos das importantes mudanças locais que estão ocorrendo na indústria de transformação e extrativa mineral ao longo dos anos 90. Algumas conclusões estão resumidas a seguir.

Em primeiro lugar, pode-se afirmar que houve queda do emprego industrial na maior parte das regiões do país, ao mesmo tempo em que crescia o número de estabelecimentos. Enquanto o aumento do número de estabelecimentos é a regra, há diversos casos de crescimento do emprego, especialmente na região Centro-Oeste e em alguns estados das regiões Norte e Nordeste. No Sul/Sudeste, apenas o Paraná escapou da queda do emprego industrial. Simultaneamente, generalizou-se pelo país um intenso processo de *downsizing* dos estabelecimentos industriais.

A diferenciação dos movimentos do emprego e do número de estabelecimentos pelos diversos estados resultou num processo de desconcentração regional do emprego e dos estabelecimentos industriais, com redução da participação dos estados mais importantes e aumento dos demais.

Foi ainda observada uma clara transferência do emprego e dos estabelecimentos em direção ao interior de cada estado, movimento esse que se repete por todas as regiões do país.

Tendo em vista os pontos destacados acima, não causa qualquer surpresa a redução do tamanho das grandes aglomerações industriais no país. Resultado menos esperado, entretanto, foi o forte aumento no número de pequenas aglomerações industriais (entre 5 e 10 mil empregos) na maior parte dos estados, sugerindo a existência de um novo modelo em gestação, cuja característica central é o surgimento de um conjunto de pequenas aglomerações industriais espalhadas pelas diversas regiões do país.

Cabe ainda destacar que, diferentemente das grandes aglomerações, nas pequenas e médias aglomerações industriais houve muitos casos

de crescimento do emprego na década. Entre as pequenas aglomerações, inclusive, houve mais casos de crescimento do que de queda do emprego, confirmando seu dinamismo.

Se este estudo permitiu algumas conclusões mais gerais, para um maior detalhamento dos resultados é necessário que se aprofunde a análise da estrutura da indústria no interior das aglomerações industriais identificadas, verificando sua maior ou menor complexidade, de modo que se possa ter uma idéia mais precisa do potencial das novas aglomerações e de seu efetivo poder de modificação do quadro macro-espacial da indústria brasileira.

NOTAS

UFRJ/CCJE
Biblioteca Eugênio Gudin

¹ Ver Diniz, C. C. e Crocco, M. A., Reestruturação Econômica e Impacto Regional: *O Novo Mapa da Indústria Brasileira*, Nova Economia, v. 6, nº 1, julho de 1996.

² Entre os trabalhos recentes que tratam da questão da indústria do ponto de vista locacional, pode-se mencionar Pacheco, C. A., *Novos Padrões de Localização Industrial? Tendências Recentes dos Indicadores de Produção e do Investimento Industrial*, Texto para Discussão, nº 633, IPEA, Brasília, março de 1999.

³ A RAIS tem a vantagem de permitir a análise até o nível máximo de desagregação por município. Tendo em vista seu número elevado, optou-se por trabalhar com as microrregiões.

⁴ O ano de 1997 corresponde aos dados mais atuais da RAIS. As informações utilizadas referem-se à situação em 31 de dezembro de cada ano.

⁵ Ver BNDES/CNI/SEBRAE, *Indicadores de Qualidade e Produtividade na Indústria Brasileira - 1997*, Rio de Janeiro, 1998.

⁶ Ver Salm *et alli*, *Produtividade na Indústria Brasileira: Questões Metodológicas e Novas Evidências Empíricas*, Pesquisa e Planejamento Econômico, v. 27, nº 2, agosto de 1997.

⁷ Ver Saboia, J., *Redução do Tamanho dos Estabelecimentos da Indústria de Transformação - Causas Estruturais e Conjunturais*, Anais do XXV Encontro Nacional de Economia, ANPEC, Recife, dezembro de 1997.

⁸ O índice de Herfindahl é calculado a partir do somatório dos quadrados das proporções de cada estado. Ele varia entre $1/n$ e 1, onde n é o número de estados

considerados ($n = 27$ no caso do Brasil). Quanto maior o valor do índice, mais concentrada regionalmente é a indústria.

⁹ Como ilustração da maior concentração do emprego que dos estabelecimentos, basta mencionar que São Paulo representava, em 1997, 40% do emprego e 34% dos estabelecimentos.

¹⁰ Nos estados onde há regiões metropolitanas, as capitais são substituídas pelas respectivas regiões metropolitanas na análise desta seção.

¹¹ São eles São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina. Em 1997, absorviam mais de 80% do emprego.

¹² Em 1997, os seis estados representavam quase 80% dos estabelecimentos industriais do país.

¹³ Conforme mencionado, os dados da RAIS permitem a desagregação por município, mas tendo em vista o grande número de municípios e sua multiplicação ao longo da década de 90, optou-se por utilizar a desagregação por microrregião.

¹⁴ Tendo em vista que alguns estados possuem muito mais microrregiões que outros, a comparação entre o número de microrregiões por estado responsáveis por 90% do emprego não faz sentido na análise da desconcentração industrial. O importante é verificar o crescimento do número de microrregiões em cada estado. O número total de microrregiões varia de uma no Distrito Federal a 63 em São Paulo.

¹⁵ As aglomerações são consideradas ao nível de microrregião.

¹⁶ Das 64 pequenas aglomerações em 1997, 12 eram médias em 1989 e 18 não eram consideradas aglomerações (menos de 5 mil empregos) em 1989.

¹⁷ As seis macro aglomerações estão localizadas no Sul e Sudeste. Das dez grandes aglomerações, uma está na região Norte, duas no Nordeste e as demais no Sul e Sudeste.

¹⁸ Em cinco estados só foram encontradas aglomerações industriais com queda do emprego (Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Amazonas). Em Roraima, Acre e Amapá não existem aglomerações industriais com mais de 5 mil empregos.

¹⁹ São elas, respectivamente, Umuarama, Paranavaí, Sobral, Pacajus, Carazinho e Sinop.

²⁰ São elas, respectivamente, Concórdia, Cianorte, Lins, Paragominas e Ji-Paraná.

²¹ O fato das duas maiores quedas terem ocorrido no Rio de Janeiro confirma as dificuldades enfrentadas pela indústria local, especialmente pelo fato de Macaé incluir parte das atividades de extração de petróleo da Petrobras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BNDES/CNI/SEBRAE, *Indicadores de Qualidade e Produtividade na Indústria Brasileira* - 1997, Rio de Janeiro, 1998.

DINIZ, C. C. & CROCCO, M. A. Reestruturação Econômica e Impacto Regional: *O Novo Mapa da Indústria Brasileira*, Nova Economia, v. 6, nº 1, julho de 1996.

PACHECO, C. A. Novos Padrões de Localização Industrial? *Tendências Recentes dos Indicadores de Produção e do Investimento Industrial*, Texto para Discussão, nº 633, IPEA, Brasília, março de 1999.

SABOIA, J. Redução do Tamanho dos Estabelecimentos da Indústria de Transformação - *Causas Estruturais e Conjunturais*, Anais do XXV Encontro Nacional de Economia, ANPEC, Recife, dezembro de 1997.

SALM *et alli*, Produtividade na Indústria Brasileira: *Questões Metodológicas e Novas Evidências Empíricas, Pesquisa e Planejamento Econômico*, v. 27, nº 2, agosto de 1997.

Tabela 1: Emprego na indústria de transformação e extrativa mineral por região e estado - 1989/97

Região / Estado	1989	1997	Variação %
Norte	171.672	139.058	-19,0
Rondônia	11.048	17.639	59,7
Acre	2.246	2.681	19,4
Amazonas	87.903	55.094	-37,3
Roraima	580	1.033	78,1
Pará	64.591	53.471	-17,2
Amapá	3.807	5.086	33,6
Tocantins	1.497	4.054	170,8
Nordeste	671.297	555.181	-17,3
Maranhão	22.715	20.781	-8,5
Piauí	13.974	17.181	22,9
Ceará	107.190	116.970	9,1
Rio Grande no Norte	47.635	40.003	-16,0
Paraíba	43.288	41.464	-4,2
Pernambuco	223.473	138.816	-37,9
Alagoas	64.346	64.337	0,0
Sergipe	28.891	21.859	-24,3
Bahia	119.785	93.770	-21,7
Sudeste	4.076.860	2.823.736	-30,7
Minas Gerais	531.679	507.673	-4,5
Espírito Santo	71.109	67.917	-4,5
Rio de Janeiro	604.656	343.859	-43,1
São Paulo	2.869.416	1.904.287	-33,6
Sul	1.246.646	1.121.870	-10,0
Paraná	299.257	326.999	9,3
Santa Catarina	365.068	326.603	-10,5
Rio Grande do Sul	582.321	468.268	-19,6
Centro-Oeste	118.064	173.154	46,7
Mato Grosso	24.065	44.363	84,3
Mato Grosso do Sul	20.764	27.538	32,6
Goiás	57.526	82.068	42,7
Distrito Federal	15.709	19.185	22,1
Total	6.284.539	4.812.999	-23,4

Fonte: RAIS

Tabela 2: Estabelecimento na indústria de transformação e extrativa mineral por região e estado - 1989/97

Região / Estado	1989	1997	Variação%
Norte	3.584	5.591	56,0
Rondônia	712	1.444	102,8
Acre	129	252	95,3
Amazonas	737	1.038	40,8
Roraima	40	144	260,0
Pará	1.724	2.077	20,5
Amapá	65	132	103,1
Tocantins	177	504	184,7
Nordeste	14.664	23.711	61,7
Maranhão	840	1.115	32,7
Piauí	567	1.018	79,5
Ceará	2.845	5.044	77,3
Rio Grande no Norte	964	1.554	61,2
Paraíba	1.090	2.016	85,0
Pernambuco	3.550	5.048	42,2
Alagoas	589	1.041	76,7
Sergipe	587	1.028	75,1
Bahia	3.632	5.847	61,0
Sudeste	114.496	128.929	12,6
Minas Gerais	22.586	29.880	32,3
Espírito Santo	3.354	5.010	49,4
Rio de Janeiro	19.482	16.593	-14,8
São Paulo	69.074	77.446	12,1
Sul	44.800	60.324	34,7
Paraná	13.642	18.764	37,5
Santa Catarina	11.413	16.959	48,6
Rio Grande do Sul	19.745	24.601	24,6
Centro-Oeste	7.911	12.096	52,9
Mato Grosso	1.814	1.839	1,4
Mato Grosso do Sul	1.648	2.882	74,9
Goiás	3.550	5.892	66,0
Distrito Federal	899	1.483	65,0
Total	185.455	230.651	24,4

Fonte: RAIS

Tabela 3: Tamanho médio dos estabelecimentos na indústria de transformação e extrativa mineral por região e estado - 1989/97

Região / Estado	1989	1997	Variação%
Norte	48	25	-48,1
Rondônia	16	12	-21,3
Acre	17	11	-38,9
Amazonas	119	53	-55,5
Roraima	15	7	-50,5
Pará	37	26	-31,3
Amapá	59	39	-34,2
Tocantins	8	8	-4,9
Nordeste	46	23	-48,9
Maranhão	27	19	-31,1
Piauí	25	17	-31,5
Ceará	38	23	-38,5
Rio Grande no Norte	49	26	-47,9
Paraíba	40	21	-48,2
Pernambuco	63	27	-56,3
Alagoas	109	62	-43,4
Sergipe	49	21	-56,8
Bahia	33	16	-51,4
Sudeste	36	22	-38,5
Minas Gerais	24	17	-27,8
Espírito Santo	21	14	-36,1
Rio de Janeiro	31	21	-33,2
São Paulo	42	25	-40,8
Sul	28	19	-33,2
Paraná	22	17	-20,6
Santa Catarina	32	19	-39,8
Rio Grande do Sul	29	19	-35,5
Centro-Oeste	15	14	-4,1
Mato Grosso	13	24	81,4
Mato Grosso do Sul	13	10	-24,2
Goiás	16	14	-14,0
Distrito Federal	17	13	-26,0
Total	34	21	-38,4

Fonte: RAIS

Tabela 4: Distribuição percentual do emprego na indústria de transformação e extrativa mineral na capital e interior - 1989/97

Região / Estado	Capital		Interior		Variação % do Emprego	
	1989	1997	1989	1997	Capital	Interior
Norte	72,7	56,7	27,3	43,3	-38,1	26,0
Rondônia	24,7	14,1	75,3	85,9	-8,9	82,8
Acre	90,4	80,5	9,6	19,5	6,3	142,8
Amazonas	93,4	91,4	6,6	8,6	-38,7	-18,4
Roraima	96,9	94,7	3,1	5,3	74,7	205,6
Pará	52,9	36,4	47,1	63,6	-43,1	11,4
Amapá	57,8	52,6	42,2	47,4	-70,6	-63,6
Tocantins	-	14,3	-	85,7	-	-
Nordeste	51,7	49,8	48,3	50,2	-20,7	-14,5
Maranhão	45,4	36,6	54,6	63,4	-26,2	6,0
Piauí	71,3	68,1	28,7	31,9	17,4	36,7
Ceará	77,9	72,3	22,1	27,7	1,3	36,5
Rio Grande do Norte	39,6	28,7	60,4	71,3	-39,0	-0,9
Paraíba	25,7	27,2	74,3	72,8	1,4	-6,0
Pernambuco	50,3	56,4	49,7	43,6	-30,3	-45,5
Alagoas	23,2	20,2	76,8	79,8	-12,9	3,9
Sergipe	57,5	52,3	42,5	47,7	-31,2	-15,1
Bahia	57,9	50,4	42,1	49,6	-33,7	-10,4
Sudeste	59,3	51,9	40,7	48,1	-39,5	-18,1
Minas Gerais	33,4	33,8	66,6	66,2	-3,4	-5,2
Espírito Santo	10,7	7,6	89,3	92,4	-33,1	-2,0
Rio de Janeiro	78,6	72,8	21,4	27,2	-47,3	-27,8
São Paulo	61,3	54,5	38,7	45,5	-41,0	-21,9
Sul	30,4	28,4	69,6	71,6	-16,7	-8,1
Paraná	42,6	36,1	57,4	63,9	-7,3	21,5
Santa Catarina	0,9	1,7	99,1	98,3	70,2	-11,2
Rio Grande do Sul	42,5	41,7	57,5	58,3	-22,5	-19,8
Centro-Oeste	42,3	36,6	57,7	63,4	25,6	59,8
Mato Grosso do Sul	29,9	26,2	70,1	73,8	15,4	39,0
Mato Grosso	17,0	15,0	83,0	85,0	58,1	82,9
Goiás	42,0	36,9	58,0	63,1	24,9	54,7
Distrito Federal	100,0	100,0	-	-	22,1	-
Total	52,8	45,7	47,2	54,3	-33,8	-12,3

Fonte: RAIS

Obs.: Nos 9 estados onde há regiões metropolitanas os dados da capital correspondem aos das respectivas Regiões Metropolitanas (RMs).

Tabela 5: Distribuição percentual dos estabelecimentos na indústria de transformação e extrativa mineral na capital e interior - 1989/97

Região / Estado	Capital		Interior		Variação % do nº de Estab.	
	1989	1997	1989	1997	Capital	Interior
Norte	54,9	47,3	45,1	52,7	41,5	91,5
Rondônia	23,6	20,5	76,4	79,5	76,2	111,0
Acre	84,5	69,4	15,5	30,6	60,6	285,0
Amazonas	90,2	91,9	9,8	8,1	43,5	16,7
Roraima	87,5	95,8	12,5	4,2	294,3	20,0
Pará	48,5	43,3	51,5	56,7	7,7	32,5
Amapá	86,2	68,2	13,8	31,8	60,7	366,7
Tocantins	-	18,3	-	81,7	-	-
Nordeste	54,7	54,1	45,3	45,9	60,1	63,6
Maranhão	31,8	45,2	68,2	54,8	88,8	6,6
Piauí	59,3	63,8	40,7	36,2	93,2	59,7
Ceará	75,7	72,5	24,3	27,5	69,8	100,6
Rio Grande do Norte	46,5	44,2	53,5	55,8	53,3	68,0
Paraíba	30,5	31,3	69,5	68,7	90,1	82,7
Pernambuco	65,8	61,5	34,2	38,5	32,9	60,1
Alagoas	56,4	62,2	43,6	37,8	95,2	52,9
Sergipe	59,1	56,6	40,9	43,4	67,7	85,8
Bahia	40,3	40,5	59,7	59,5	62,0	60,3
Sudeste	54,1	46,8	45,9	53,2	-2,5	30,5
Minas Gerais	29,2	26,5	70,8	73,5	19,9	37,4
Espírito Santo	15,8	9,5	84,2	90,5	-10,4	60,6
Rio de Janeiro	75,9	69,5	24,1	30,5	-22,0	7,5
São Paulo	58,0	52,3	42,0	47,7	1,0	27,4
Sul	27,3	24,2	72,7	75,8	19,4	40,4
Paraná	35,1	32,0	64,9	68,0	25,4	44,1
Santa Catarina	3,5	3,4	96,5	96,6	44,6	48,7
Rio Grande do Sul	35,7	32,6	64,3	67,4	14,0	30,5
Centro-Oeste	44,6	43,8	55,4	56,3	50,0	55,2
Mato Grosso do Sul	19,2	34,3	80,8	65,7	80,8	-17,5
Mato Grosso	32,7	19,1	67,3	80,9	2,2	110,2
Goiás	49,0	44,6	51,0	55,4	51,0	80,4
Distrito Federal	100,0	100,0	-	-	65,0	-
Total	47,3	41,5	52,7	58,5	9,3	38,1

Fonte: RAIS

Obs.: Nos 9 estados onde há regiões metropolitanas os dados da capital correspondem aos das respectivas RMs.

Tabela 6: Tamanho médio na indústria de transformação e extrativa mineral na capital e interior - 1989/97

Região / Estado	Capital		Interior		Variação %	
	1989	1997	1989	1997	Capital	Interior
Norte	66	29	30	20	-56,3	-34,2
Rondônia	16	8	15	13	-48,3	-13,4
Acre	19	12	11	7	-33,8	-36,9
Amazonas	123	53	81	57	-57,2	-30,0
Roraima	16	7	4	9	-55,7	154,6
Pará	41	22	34	29	-47,2	-15,9
Amapá	39	7	178	14	-81,7	-92,2
Tocantins	-	6	-	8	-	-
Nordeste	44	22	49	26	-50,5	-47,7
Maranhão	39	15	22	22	-60,9	-0,6
Piauí	30	18	17	15	-39,2	-14,4
Ceará	39	23	34	23	-40,4	-32,0
Rio Grande do Norte	42	17	56	33	-60,2	-41,0
Paraíba	34	18	42	22	-46,6	-48,6
Pernambuco	48	25	92	31	-47,6	-66,0
Alagoas	45	20	192	131	-55,4	-32,1
Sergipe	48	20	51	23	-59,0	-54,3
Bahia	49	20	24	13	-59,1	-44,1
Sudeste	39	24	32	20	-37,9	-37,2
Minas Gerais	27	22	22	15	-19,4	-31,0
Espírito Santo	14	11	23	14	-25,3	-39,0
Rio de Janeiro	32	22	28	18	-32,5	-32,8
São Paulo	44	26	38	23	-41,6	-38,7
Sul	31	22	27	18	-30,2	-34,5
Paraná	27	20	19	16	-26,1	-15,7
Santa Catarina	8	10	33	20	17,7	-40,3
Rio Grande do Sul	36	24	27	16	-32,0	-38,5
Centro-Oeste	14	12	16	16	-16,3	3,0
Mato Grosso do Sul	18	11	10	17	-36,2	68,6
Mato Grosso	8	12	19	16	54,7	-13,0
Goiás	14	12	19	16	-17,3	-14,2
Distrito Federal	17	13	-	-	-26,0	-
Total	38	23	30	19	-39,5	-36,5

Fonte: RAIS

Tabela 7: Número de microrregiões responsáveis por 90% do emprego por estado - 1989/97

Região / Estado	1989	1997
Norte	24	30
Rondônia	5	5
Acre	1	2
Amazônia	1	1
Roraima	1	1
Pará	10	12
Amapá	1	4
Tocantins	5	5
Nordeste	46	55
Maranhão	6	6
Piauí	3	3
Ceará	3	5
Rio Grande do Norte	5	6
Paraíba	5	7
Pernambuco	5	5
Alagoas	5	5
Sergipe	4	6
Bahia	10	11
Sudeste	59	69
Minas Gerais	29	31
Espírito Santo	5	7
Rio de Janeiro	5	6
São Paulo	20	25
Sul	45	48
Paraná	20	21
Santa Catarina	12	12
Rio Grande do Sul	13	15
Centro-Oeste	26	28
Mato Grosso	10	11
Mato Grosso do Sul	7	7
Goiás	8	9
Distrito Federal	1	1
Total	200	230

Fonte: RAIS

Tabela 8: Aglomerações industriais segundo a faixa de número de empregados na indústria de transformação e extrativa mineral - 1989

Região / Estado	5 a 10 mil	10 a 50 mil	50 a 100 mil	mais de 100 mil	Total	Total >10 mil
Norte	0	1	1	0	2	2
Rondônia	-	-	-	-	0	0
Acre	-	-	-	-	0	0
Amazonas	-	-	1	-	1	1
Roraima	-	-	-	-	0	0
Pará	-	1	-	-	1	1
Amapá	-	-	-	-	0	0
Tocantins	-	-	-	-	0	0
Nordeste	9	11	3	0	23	14
Maranhão	1	1	-	-	2	1
Piauí	-	1	-	-	1	1
Ceará	-	-	1	-	1	1
Rio Grande do Norte	1	1	-	-	2	1
Paraíba	1	1	-	-	2	1
Pernambuco	3	3	1	-	7	4
Alagoas	1	3	-	-	4	3
Sergipe	-	1	-	-	1	1
Bahia	2	-	1	-	3	1
Sudeste	21	42	4	7	74	53
Minas Gerais	10	11	-	1	22	12
Espírito Santo	2	2	-	-	4	2
Rio de Janeiro	3	5	-	1	9	6
São Paulo	6	24	4	5	39	33
Sul	14	21	3	2	40	26
Paraná	4	5	-	1	10	6
Santa Catarina	4	9	2	-	15	11
Rio Grande do Sul	6	7	1	1	15	9
Centro-Oeste	2	3	0	0	5	3
Mato Grosso	1	-	-	-	1	0
Mato Grosso do Sul	1	-	-	-	1	0
Goiás	-	2	-	-	2	2
Distrito Federal	-	1	-	-	1	1
Total	46	78	11	9	144	98

Fonte: RAIS

Tabela 9: Aglomerações industriais segundo a faixa de número de empregados na indústria de transformação e extrativa mineral - 1997

Região / Estado	5 a 10 mil	10 a 50 mil	50 a 100 mil	mais de 100 mil	Total	Total >10 mil
Norte	2	1	1	0	4	2
Rondônia	1	-	-	-	1	0
Acre	-	-	-	-	0	0
Amazonas	-	-	1	-	1	1
Roraima	-	-	-	-	0	0
Pará	1	1	-	-	2	1
Amapá	-	-	-	-	0	0
Tocantins	-	-	-	-	0	0
Nordeste	13	10	2	0	25	12
Maranhão	2	-	-	-	2	0
Piauí	-	1	-	-	1	1
Ceará	3	-	1	-	4	1
Rio Grande do Norte	3	1	-	-	4	1
Paraíba	-	2	-	-	2	2
Pernambuco	3	2	1	-	6	3
Alagoas	1	2	-	-	3	2
Sergipe	-	1	-	-	1	1
Bahia	1	1	-	-	2	1
Sudeste	25	41	4	4	74	49
Minas Gerais	10	12	-	1	23	13
Espírito Santo	2	2	-	-	4	2
Rio de Janeiro	4	3	-	1	8	4
São Paulo	9	24	4	2	39	30
Sul	21	19	3	2	45	24
Paraná	8	5	-	1	14	6
Santa Catarina	5	8	2	-	15	10
Rio Grande do Sul	8	6	1	1	16	8
Centro-Oeste	3	4	0	0	7	4
Mato Grosso	1	1	-	-	2	1
Mato Grosso do Sul	2	-	-	-	2	0
Goiás	-	2	-	-	2	2
Distrito Federal	-	1	-	-	1	1
Total	64	75	10	6	155	91

Fonte: RAIS

Tabela 10: Principais aglomerações industriais do Brasil - 1997

Microrregião	Estado	Emprego		Variação %
		1989	1997	
SAO PAULO	SP	1.390.929	781.537	-43,9
RIO DE JANEIRO	RJ	449.072	246.783	-45,0
PORTO ALEGRE	RS	259.916	179.368	-31,0
BELO HORIZONTE	MG	181.806	171.773	-5,5
CAMPINAS	SP	202.004	145.488	-28,0
CURITIBA	PR	127.406	117.829	-7,5
GUARULHOS	SP	135.925	89.588	-34,1
FORTALEZA	CE	91.265	84.598	-7,3
CAXIAS DO SUL	RS	93.756	79.897	-14,8
SAO JOSE DOS CAMPOS	SP	109.562	72.286	-34,0
SOROCABA	SP	112.015	72.182	-35,6
OSASCO	SP	96.045	69.639	-27,5
BLUMENAU	SC	85.846	69.632	-18,9
JOINVILLE	SC	86.929	66.183	-23,9
RECIFE	PE	98.000	61.767	-37,0
MANAUS	AM	82.413	50.927	-38,2
SALVADOR	BA	71.247	47.252	-33,7
JUNDIAI	SP	59.874	44.594	-25,5
GOIANIA	GO	27.109	41.606	53,5
LIMEIRA	SP	49.695	39.621	-20,3
GRAMADO-CANELA	RS	38.096	39.235	3,0
MOJI DAS CRUZES	SP	50.434	38.656	-23,4
ITAPEVICINA DA SERRA	SP	52.271	38.208	-26,9
PIRACICABA	SP	38.967	34.542	-11,4
RIBEIRÃO PRETO	SP	42.161	33.379	-20,8
MOJI-MIRIM	SP	47.700	31.470	-34,0
VITORIA	ES	41.363	30.806	-25,5
VALE DO PARAIBA FLUMINENSE	RJ	43.792	26.711	-39,0
LAJEADO-ESTRELA	RS	28.348	26.138	-7,8
LONDRINA	PR	24.952	26.071	4,5
SAO MIGUEL DOS CAMPOS	AL	17.886	26.004	45,4
MATA MERIDIONAL PERNAMBUCANA	PE	46.150	25.268	-45,2
CRICIUMA	SC	33.361	25.158	-24,6
JUIZ DE FORA	MG	33.538	24.498	-27,0
SANTOS	SP	37.096	24.403	-34,2
DIVINOPOLIS	MG	24.348	24.399	0,2
SAO JOSE DO RIO PRETO	SP	24.877	24.240	-2,6
IPATINGA	MG	26.160	23.810	-9,0
JAU	SP	22.534	22.632	0,4
BELEM	PA	37.906	22.327	-41,1
JACARANA	SC	25.880	21.854	-15,6
BRAGANCA PAULISTA	SP	24.504	21.217	-13,4
ARARAQUARA	SP	28.723	20.768	-27,7
MARINGA	PR	14.868	20.364	37,0
JOAO PESSOA	PB	23.062	20.259	-12,2
BAURU	SP	20.902	19.627	-6,1
UBERLANDIA	MG	16.128	19.312	19,7
FRANCA	SP	33.988	19.290	-43,2
BRASILIA	DF	15.709	19.185	22,1
SAO CARLOS	SP	24.944	19.112	-23,4
APUCARANA	PR	11.079	18.788	69,6
MACEIO	AL	19.003	18.352	-3,4
CHAPECO	SC	8.580	17.972	109,5
SAO BENTO DO SUL	SC	19.988	17.544	-12,2
BIRIGUI	SP	16.065	17.394	8,3
SANTA CRUZ DO SUL	RS	17.142	17.158	0,1
MATA SETENTRIONAL PERNAMBUCANA	PE	32.859	16.713	-49,1

Microrregião	Estado	Emprego		Variação %
		1989	1997	
PONTA GROSSA	PR	18.175	16.646	-8,4
SETE LAGOAS	MG	17.883	16.243	-9,2
NATAL	RN	24.613	15.906	-35,4
MONTENEGRO	RS	15.497	15.552	0,4
SAO JOAO DA BOA VISTA	SP	18.111	15.418	-14,9
RIO DO SUL	SC	13.729	15.244	11,0
SERRANA	RJ	26.867	14.694	-44,6
FLORIANOPOLIS	SC	11.074	14.431	30,3
MARILIA	SP	12.000	13.798	15,0
TATUI	SP	13.263	13.696	3,3
TUBARAO	SC	12.791	13.481	5,4
ARACAJU	SE	17.717	13.463	-24,0
JABOTICABAL	SP	21.704	12.936	-40,4
POCOS DE CALDAS	MG	12.821	12.758	-0,5
UBA	MG	11.107	12.736	14,7
TERESINA	PI	10.609	12.538	18,2
ANAPOLIS	GO	11.264	12.221	8,5
GUIABA	MT	9.454	12.080	27,8
GUARATINGUETA	SP	16.014	12.058	-24,7
VARGINHA	MG	10.266	11.813	15,1
RIO CLARO	SP	13.175	11.762	-10,7
PELOTAS	RS	22.938	11.722	-48,9
PRESIDENTE PRUDENTE	SP	13.499	11.460	-15,1
NOVA FRIBURGO	RJ	14.016	11.343	-19,1
MONTES CLAROS	MG	7.393	11.223	51,8
PASSO FUNDO	RS	10.038	10.942	9,0
CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM	ES	10.163	10.937	7,5
CAMPINA GRANDE	PB	9.032	10.862	20,3
ITABIRA	MG	17.123	10.737	-37,3
POUSO ALEGRE	MG	10.698	10.683	-0,1
UBERABA	MG	10.055	10.582	5,2
TOLEDO	PR	7.416	10.452	40,9
CANOINHAS	SC	11.761	10.330	-12,2
PIRASSUNUNGA	SP	10.660	10.178	-4,5
AMPARO	SP	11.139	9.916	-11,0
GUARAPUAVA	PR	10.345	9.689	-6,3
SINOP	MT	3.616	9.650	167,1
ITAJAI	SC	10.512	9.392	-10,7
GUAPORE	RS	7.636	9.352	22,5
CAMPO GRANDE	MS	6.875	9.291	35,1
FEIRA DE SANTANA	BA	9.604	9.280	-3,4
OURINHOS	SP	7.139	9.194	28,8
ERECHIM	RS	7.113	9.112	28,1
MATA ALAGOANA	AL	14.409	9.068	-37,1
SUAPE	PE	16.334	9.057	-44,6
CAMPOS DE LAGES	SC	13.291	8.949	-32,7
PARAGOMINAS	PA	4.666	8.919	91,1
ITAJUBA	MG	7.759	8.856	14,1
CONCORDIA	SC	5.746	8.651	50,7
CASCAVEL	PR	6.930	8.516	22,9
SOBRAL	CE	2.736	8.323	204,2
ARACATUBA	SP	8.701	8.287	-4,8
CAMPOS DOS GOYTACAZES	RJ	17.459	8.241	-52,8
ROSARIO	MA	10.907	8.101	-25,7
CIANORTE	PR	4.099	8.011	95,4
FRANCO DA ROCHA	SP	11.046	7.996	-27,6
LINHARES	ES	5.182	7.627	47,2
ITAMARACA	PE	8.356	7.478	-10,5

Microrregião	Estado	Emprego		Variação %
		1989	1997	
VALE DO IPOJUCA	PE	8.241	7.470	-9,4
UMUARAMA	PR	2.284	7.383	223,2
COLATINA	ES	6.629	7.315	10,3
BOTUCATU	SP	11.350	7.259	-36,0
CATANDUVA	SP	6.124	7.150	16,8
PARANAÍ	PR	3.051	7.140	134,0
TRES RIOS	RJ	9.429	6.998	-25,6
DOURADOS	MS	4.836	6.914	43,0
CATAGUASES	MG	9.247	6.782	-26,7
FRANCISCO BELTRAO	PR	6.042	6.756	11,8
IMPERATRIZ	MA	5.830	6.571	12,7
UNIAO DA VITORIA	PR	7.932	6.493	-18,1
CARIRI	CE	4.416	6.454	46,2
MACAIBA	RN	8.558	6.395	-25,3
GOVERNADOR VALADARES	MG	6.856	6.276	-8,5
XANXERE	SC	4.966	6.176	24,4
PASSOS	MG	4.478	6.170	37,8
OURO PRETO	MG	9.732	6.162	-36,7
MOSSORO	RN	4.740	6.142	29,6
PARA DE MINAS	MG	8.185	6.113	-25,3
FORMIGA	MG	4.846	5.993	23,7
SÃO SEBASTIAO DO PARAISO	MG	4.137	5.917	43,0
OSORIO	RS	5.172	5.727	10,7
CURITIBANOS	SC	6.069	5.554	-8,5
CONSELHEIRO LAFAIETE	MG	9.382	5.550	-40,8
JI-PARANA	RO	3.499	5.477	56,5
ASSIS	SP	6.327	5.388	-14,8
LINS	SP	3.516	5.380	53,0
CARAZINHO	RS	2.553	5.361	110,0
CORNELIO PROCOPIO	PR	4.483	5.338	19,1
SÃO JERONIMO	RS	10.091	5.329	-47,2
VACARIA	RS	7.004	5.323	-24,0
MACAÉ	RJ	10.721	5.267	-50,9
BARBACENA	MG	6.382	5.266	-17,5
BARRA DO PIRAI	RJ	8.906	5.258	-41,0
VOTUPORANGA	SP	3.730	5.228	40,2
PAÇAJUS	CE	407	5.168	1174,7
LITORAL SUL	RN	3.823	5.159	34,9
LIJUI	RS	5.527	5.064	-8,4
LITORAL LAGUNAR	RS	9.749	5.055	-48,1
Total	BR	5.811.943	4.311.441	-25,8

Fonte: RAIS

Tabela 11: Variação percentual do emprego nas principais aglomerações industriais - 1989/1997

Aglomerações	Crescimento			Queda			Total
	Mais de 100%	Mais de 50%	Mais de 25%	Menos de 25%	Mais de 25%		
Macro (> 100.000)	0	0	0	0	2	4	6
Grandes (> 50.000)	0	0	0	0	4	6	10
Médias (> 10.000)	1	3	21	0	27	18	75
Pequenas (> 5.000)	6	5	11	0	14	17	64
Total	7	8	32	0	47	45	155

Fonte: RAIS